

CADA UM NA SUA VIAGEM

CARLOS MARCELO E SÉRGIO DE SÁ, DA EQUIPE DO CORREIO

Desta vez, foram quatro escritores, um fotógrafo, um ator e um músico. Quatro mais três. Todos desembarcaram em Brasília a convite do Correio para olhar com cuidado — e carinho — a cidade que já haviam, de uma forma ou de outra, experimentado. Mais do que isso, os convidados deixaram a adrenalina baixar para perceber que lugar é esse que completa 43 anos hoje.

O primeiro foi Carlos Heitor Cony, o renomado ficcionista e comentarista diário das coisas do Brasil. O autor de *Quase memória* quis rever Juscelino Kubitschek, de quem foi fiel escudeiro na fase final da vida. Ele visitou o Memorial que supervisionava durante a construção (e reconheceu frases famosas que na verdade são de sua autoria), conheceu a Ponte JK e voltou ao Catetinho, a primeira residência oficial. Gostou do cuidado que se dá atualmente à memória do ex-presidente, e foi com base nessa convivência que Cony escreveu o texto para este caderno.

Dos escritores, Cony foi de longe o mais reconhecido nas ruas. Ganhou abraço de uma leitora logo ao sair para o saguão do Aeroporto (Juscelino Kubitschek...). No Memorial, recebeu aperto de mão de um fã: "O senhor não é um anônimo qualquer." Assim como nada desapercebido em Brasília é Zeca Baleiro. Na capital federal, os discos do cantor e compositor maranhense só não vendem mais do que em São Paulo, onde Baleiro vive hoje. "Adoro Brasília. O público daqui é especial", festeja.

Baleiro fez um circuito mais religioso-popular. No Vale do Amanhecer, ficou impressionado com imagem e textos dos rituais. Não se conteve: "É puro Glauber!". Bateu um rango no Faisão Dourado (314 Sul), andou

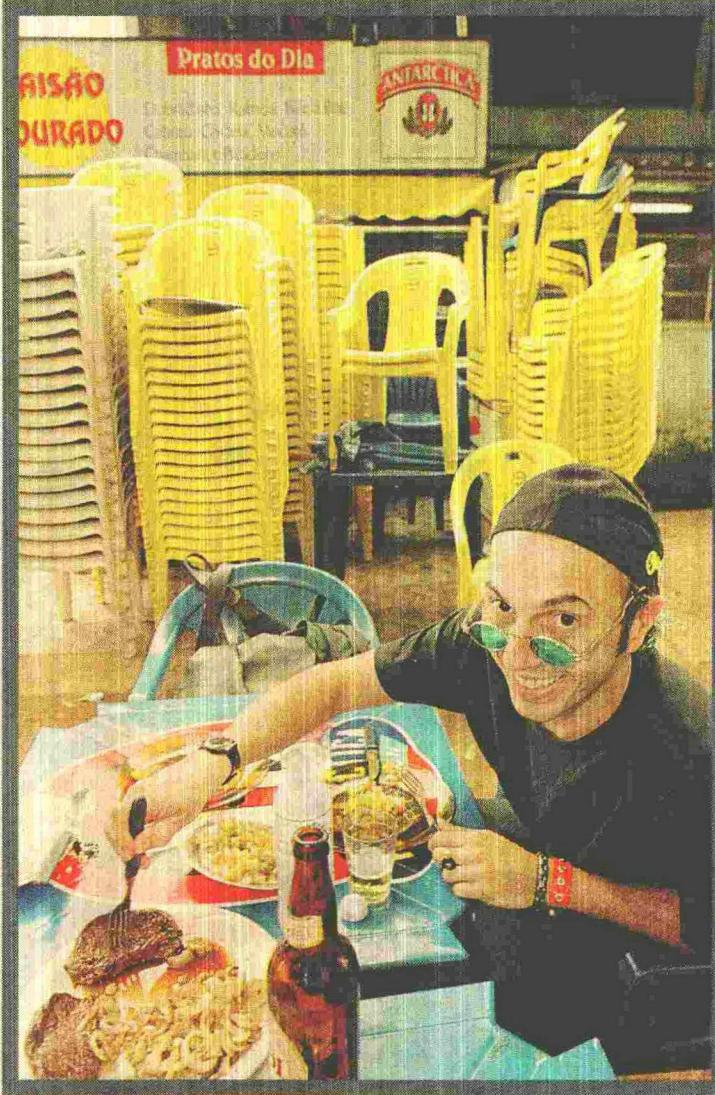
de metrô (desceu na Feira do Guará) e circulou pela Rodoviária. Zeca também quis conhecer a abandonada Concha Acústica e a Ermida Dom Bosco, onde anotou a frase que aparece em sua mística ficção brasiliense.

Já o escritor paulistano Fernando Bonassi preferiu duas noites brasilienses, uma burguesa, outra mais trash. "Queria ver a Brasília que não dorme", conta. Viu garçons a serviço dos clientes no Beirute, prostitutas à procura de clientes no final da Asa Norte, plantonistas à espera de pacientes na Emergência do Hospital de Base. Bonassi explica o formato do texto que escolheu: "A cadêncio do discurso de um inquérito era um bom formato para um texto mais fluido, sem preocupação narrativa. A idéia de contar uma história nunca me passou pela cabeça. Tentei pegar vários fragmentos para formar um corpo inteiro."

A escritora gaúcha Lya Luft veio em seguida disposta a conhecer outra Brasília. "Se eu tivesse de mudar para a cidade hoje, onde iria morar, onde poderia comprar móveis, que restaurantes passaria a freqüentar?", perguntou já em e-mail. Roteiro montado a partir dessas sugestões, Lya se deixou levar pela normalidade da vida no Plano Piloto. Caminhou da Igrejinha (307/308 Sul) até o Clube de Vizinhança (108/109 Sul), e também na 202 Sul. "Que coisa maravilhosa esse verde, essa tranquilidade. Não sabia que Brasília também era assim." Sua crônica sobre a experiência brasiliense reflete esse encantamento.

Filha do deputado e senador fluminense Mario Martins, a escritora e jornalista Ana Maria Machado esteve de passagem pela cidade nos anos 60, ia e vinha com alguma freqüência. Escreveu cenas passadas em Brasília em dois de seus romances: *Aos quatro ventos* (Nova Fronteira) e *Para sempre* (Record). Também quis rever o Catetinho, revisitar a memória. Para o 4+3, decidiu-se por algo mais lírico, que unisse passado e presente.

Edilson Rodrigues



ZECA BALEIRO DEVORA O TRADICIONAL FILÉ ACEBOLADO DO FAISÃO DOURADO

O ator baiano Wagner Moura cumpriu jornada exaustiva — mas bastante recompensadora — em busca do Todo-Poderoso.

Explica-se: o *Taoca de Deus é Brasileiro* chegou à cidade com o desafio de provar que Deus é brasiliense. Acabou encontrando seu filho. Foi em Planaltina, onde conheceu o ator Saulo Humberto, que pela primeira vez iria interpretar Cristo na Via-Sacra. De Planaltina ao Vale do Amanhecer, de lá até a Ermida Dom Bosco, da Ermida ao Templo da Legião da Boa Vontade.

Formado em Jornalismo, Wagner bancou o repórter e se transformou no escritor que mistura fato e ficção no mais longo texto dessa edição.

O fotógrafo Walter Carvalho mudou de idéia depois de chegar à capital para a sua participação no projeto. "Minha idéia inicial era fotografar ratos do Planalto, mas como em Brasília os ratos não têm endereço, decidi mudar meus planos", conta o paraibano, radicado no Rio de Janeiro. Decidiu percorrer a Vila Planalto munido de uma câmera Horizon russa, comprada em Nova York, que funciona de forma diferen-

ciada. "Ao disparar a câmera, a lente gira 130 graus e faz uma varredura da imagem", explica.

Ao passar pela rua JK, o fotógrafo bateu o olho em um ponto de ônibus pintado com os rostos de dois ídolos da música que iniciaram carreira em Brasília: Renato Russo e Cássia Eller. Parcialmente encoberta por camadas de cola e muitos papéis, na parede do ponto de concreto, uma frase: *A Poesia se Cala com a Passagem da Vida*. "Aquele ponto diz muito sobre a cidade, deveria ser tombado."

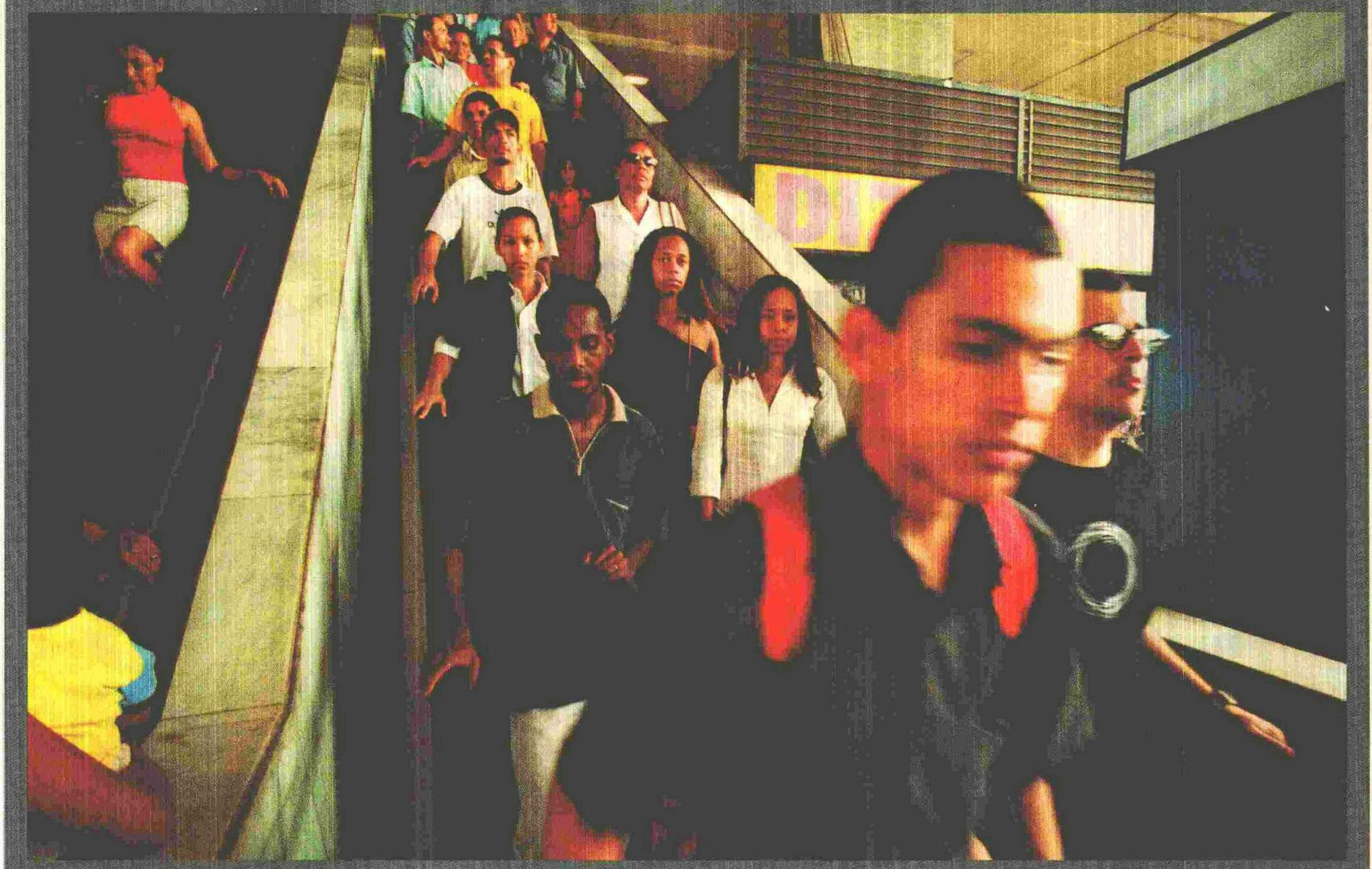
Além da homenagem aos dois ídolos brasilienses, Walter acredita que sua escolha para o trabalho no 4+3 reforça a idéia de que não é preciso viajar milhares de quilômetros para encontrar a imagem — ou a poesia. "Elas estão em cada esquina. Às vezes, a gente passa e não vê."

O caderno 4+3 é uma homenagem a essa poesia das esquinas reais e imaginárias de Brasília.

COMO FOI O CADERNO 4+2

Na festa do 42º aniversário da capital, seis escritores visitaram Brasília a convite do Correio no ano passado. Aqui, encontraram inspiração para criar histórias ou relembrar fatos vividos na cidade. Quatro dos convidados escreveram sobre a capital pela primeira vez: Adriana Falcão, Marçal Aquino, Moacyr Scliar e Tony Bellotto. Os outros dois incluídos no projeto, Ana Miranda e Milton Hatoum, buscaram nas lembranças dos tempos de juventude, parcialmente vividas em Brasília, o ponto de partida para seus textos. O resultado foi publicado no caderno especial 4+2, no dia 21 de abril de 2002.

José Varella



O ESCRITOR E ROTEIRISTA PAULISTANO FERNANDO BONASSI (DE ÓCULOS, À DIREITA) NA RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO: NA PROCURA PELA BRASÍLIA QUE NÃO DORME, ENCONTRO COM PLANTONISTAS E PROSTITUTAS